

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA EM SALA DE AULA: O USO DE
CHARGES COMO POSSIBILIDADE PARA IR ALÉM DE UMA PRÁTICA
PEDAGÓGICA CONSERVADORA**

**CRITICAL ENVIROMENTAL EDUCATION IN CLASS ROOM: USING
CARTOONS AS A POSSIBILITY TO GO BEYOND A CONSERVATIVE
PEDAGOGICAL PRATICE**

Thiago da Silva Oliveira¹, Alexandre Maia do Bomfim²,

¹Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ)/ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências (PROPEC), thiagosilvaoliveira1989@gmail.com

²Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ)/ Docente do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências (PROPEC), alexandre.bomfim@ifrj.edu

RESUMO

O objetivo principal deste trabalho foi investigar o uso de charges como ferramenta para a construção de uma Educação Ambiental Crítica. Assumimos como pressuposto teórico que o conhecimento compartimentado em disciplinas pode provocar uma série de problemas *práticos*, portanto, a estratégia seria complexificar nossa compreensão de mundo, não nos limitando às disciplinas das ciências humanas ou de maior apelo ambiental (como a biologia). Como resultado, percebemos, entre outras coisas, que a Educação Ambiental a qual os alunos têm acesso é excessivamente preocupada com a coleta seletiva e com a reciclagem do lixo, ou seja, com o final do processo de poluição. Destarte, após a intervenção, constatamos um aprofundamento no debate e novas questões foram consideradas pelos participantes na busca de localizar o cerne do problema. As charges contribuíram, sobretudo, como uma forma de abrir caminho para questionamentos de conceitos já cristalizados pelos estudantes.

Palavras-chave: Educação Ambiental Crítica; Meio Ambiente e Educação; Educação Ambiental e Ludicidade.

ABSTRACT

The main objective of this study was to investigate the use of cartoons as a tool for building a Critical Environmental Education. With the theoretical assumption that the compartmentalized knowledge in disciplines can cause a number of *practical* problems, the strategy would then be complexifying our understanding of the world, not limiting ourselves to the disciplines of human or greater environmental appeal science (such as biology). As a result of this work we realized, among other things, that environmental education to which students have access is overly concerned with the selective collection and waste recycling, that is, with the end of pollution process. After the intervention we could verify a deepening of the debate and new questions have been considered by the participants in the search to locate the crux of the problem. The cartoons have contributed as a way to question of deep-rooted concepts.

Key words: Critical Environmental Education; Basic Education and Environment; Environmental Education and playfulness.

INTRODUÇÃO

[...] e a gente olhava, olhava
Sem nenhuma pressa
Porque o destino daquelas nossas primeiras viagens
era sempre o horizonte
(Mário Quintana)

Este trabalho foi aplicado junto aos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), campus Nilópolis, e do Colégio Estadual Natividade Patrício Antunes, localizado na cidade de Nova Iguaçu, Baixada Fluminense¹. A proposta aqui descrita consistiu em analisar o uso de charges como meio para construir uma educação ambiental crítica, considerando os alunos como atores de seus próprios pensamentos e estimulando debates para confrontar ideias já arraigadas sobre a educação ambiental. Para isso, buscamos em primeiro lugar a percepção trazida pelos alunos do que significa educação ambiental, para então construirmos, juntos, uma forma diferente de olhar para a “questão ambiental”².

EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA – DO QUE ESTAMOS FALANDO?

O cotidiano escolar brasileiro apresenta uma crescente preocupação com a Educação Ambiental, isso se desdobra muitas vezes em projetos, seminários ou apresentações em feiras de ciências. Mendonça e Trajber (2009), por exemplo, num estudo encomendado pelo Ministério da Educação (MEC), alcançaram que mais de 95% das escolas afirmam trabalhar com o tema meio ambiente, ainda que se possa questionar a qualidade dessa educação.

Diante dessa realidade, é no debate sobre como trabalhar a questão ambiental nos ambientes formais e não formais que percebemos a hegemonia de um projeto educacional que concilia desenvolvimentismo e sustentabilidade, tendo como base o Desenvolvimento Sustentável (DS). Lima (2003) demonstra que este projeto nasce no contexto das políticas neoliberais postas em práticas a partir dos anos 80 como parte da estratégia global de reestruturação do sistema capitalista.

¹ A escolha por essas escolas foi feita tanto pela proximidade uma da outra, quanto pela disponibilidade dos professores em aceitar as intervenções propostas pela pesquisa.

² Compreendemos que a pergunta elucidada por Bomfim (2013) “Será que precisamos de mitos para não degradar a natureza?” é importante para indicar o caminho de uma educação ambiental dialógica, capaz de negar a construção de mitos “mesmo os novos” sobre a natureza; daí defendemos ao invés de descartar os mitos de imediato, discuti-los.

O Desenvolvimento Sustentável permitiu a construção de um campo comum que, se não promovia o consenso entre as diversas concepções e grupos divergentes, permitiu suavizar ou camuflar os conflitos que os dividiam. “Esse campo permitiu aproximar [...] conservacionistas e ecologistas, empresários e ambientalistas, ongs, movimentos sociais e agências governamentais” (LIMA, 2003, p.104). Assim o discurso do desenvolvimento sustentável tornou-se hegemônico ao promover o crescimento dos negócios e da economia.

A prática pedagógica baseada nessa concepção considera a crise ambiental em que vivemos como uma crise provocada pela humanidade, ou seja, há uma responsabilização de todos os indivíduos de forma igualitária, sem notar que alguns sentem mais seus efeitos nefastos, enquanto outros lucram com a degradação ambiental. Por conseguinte, tendo em vista que todos são responsáveis de igual forma pela degradação da natureza, basta apenas a mudança no comportamento dos indivíduos para possibilitar uma sociedade sustentável, sendo necessário, para isso, ensinar as pessoas a mudar seus modos de agir (plantar árvores, não jogar lixo no chão, separar o lixo, entre outras ações). Além, é claro, de propor alternativas para o que seria um “Desenvolvimento Sustentável”, que proporcionem a valorização de produtos ecologicamente corretos ou medidas como a criação de crédito de carbonos.

Autores como Bomfim (2011), Guimarães (2012) e Carvalho (2012) denominam essa proposta de “Educação Ambiental Conservadora”, já que não busca transformar a realidade, apenas reformar o que for possível sem colocar em pauta os aspectos estruturais da sociedade; esses autores propõem, em contraposição, uma Educação Ambiental Crítica (EA-Crítica), capaz de problematizar todos os aspectos dos problemas ambientais, mesmo as bases do sistema capitalista.

Bomfim (2011), por exemplo, traz alguns pontos inevitáveis de se tocar numa EA-Crítica, como: a necessidade do resgate do humanismo, observação dos limites do desenvolvimento sustentável, a orientação de ataque permanente ao viés conservacionista, a crítica às ações higienizadoras e à culpabilização dos indivíduos, ao apontamento dos principais responsáveis pela depredação ambiental e, em especial, o questionamento ao consumismo. O consumismo, assume um papel de grande importância estrutural para o projeto conservador, por isso, como veremos à frente, há nessa proposta pedagógica uma atenção maior à separação e reciclagem do lixo do que à problematização da crescente quantidade de lixo produzido pela humanidade.

MÉTODO POSSÍVEL: EDUCAÇÃO AMBIENTAL E LUDICIDADE

A proposta foi aplicada em dois grupos diferentes, com poucas variações, como veremos, e dividida em cinco etapas: no primeiro momento foi aplicado um questionário composto unicamente de perguntas abertas, uma pergunta bem ampla: O que causa a degradação ambiental em sua opinião? E outras com a apresentação de problemas, questionando o posicionamento dos participantes, como: Sempre que bebe um refrigerante Paulo Roberto joga a latinha vazia na rua para que os catadores possam vendê-la e "ganhar um troco", o que você pensa disso? No segundo momento foi feita uma exposição sobre o trabalho, houve um diálogo informal a respeito do que os alunos conheciam sobre Educação Ambiental e 75 charges³ sobre o tema foram debatidas. No terceiro momento houve uma mediação rápida sobre Educação Ambiental Crítica. No quarto momento a proposta foi elaborar um desenho que representasse, segundo a visão de cada participante, as causas do problema ambiental que vivemos. Cada aluno desenhou o seu e fez uma rápida explicação sobre o significado do desenho. Por fim, no quinto momento, o questionário foi novamente aplicado. Vale dizer que a única diferença na aplicação de um grupo para o outro foi a troca do questionário pelos desenhos dos alunos. Ou seja, no segundo grupo não houve a passagem do questionário, nem antes nem depois, apenas desenhos no começo e no fim da intervenção.⁴

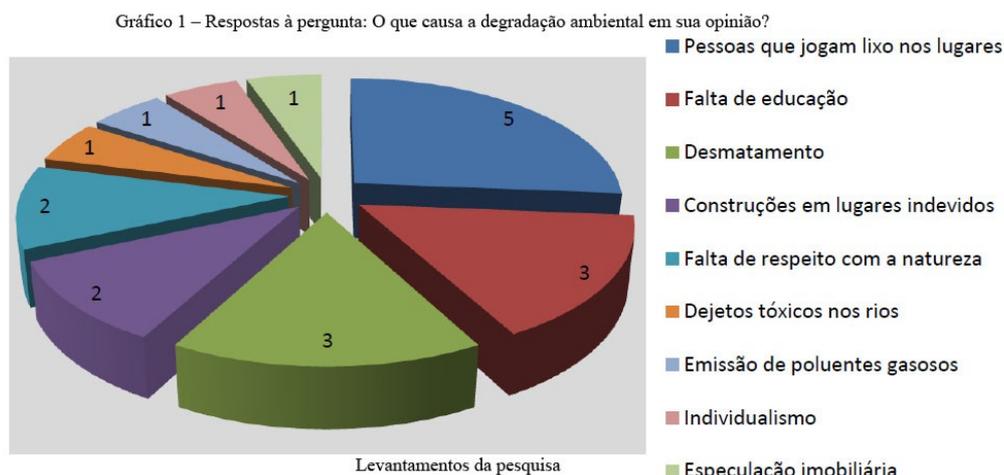
Para diferenciar os participantes e os grupos, utilizaremos, a seguir, siglas. Para as pessoas do primeiro grupo a letra maiúscula "A" precederá o número da pessoa a cuja transcrição ou desenho será realizada; no segundo grupo a letra maiúscula "B" antecederá a numeração das pessoas.

A EDUCAÇÃO CRÍTICA, PARTICIPATIVA E AMBIENTAL: NOSSOS RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira passagem do questionário teve como objetivo captar o que os alunos traziam a respeito da questão ambiental, desde problemas até medidas para a sua solução. A seguir veremos o gráfico: "O que causa a degradação ambiental em sua opinião?"

³ As charges apresentadas aos participantes da intervenção foram retiradas da 1ª Mostra Internacional de Humor sobre Educação Ambiental realizada pelo Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, na cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul, em 2012.

⁴ A interpretação dos desenhos foi feita junto aos alunos (caracterizando, em certa medida, uma pesquisa participante) e foi calcada na perspectiva crítica, acompanhada dos autores da EA-crítica. O objetivo foi construir uma "interpretação rigorosa", seguindo *pari passu* os referenciais da Educação Ambiental.



Junto ao gráfico separamos as falas do aluno (A1) sobre essa questão:

Na minha opinião a degradação é devido as pessoas jogarem lixo no rio, descartar óleo usado na pia da cozinha e também sujar as praias⁵ (A1).

A maioria dos participantes acredita ser a atitude das pessoas de jogarem lixo em lugares indevidos o maior problema da degradação ambiental. Essa forma de compreender o problema reduz a educação ambiental a ações higienizadoras e de simples culpabilização dos indivíduos, responsabilizando a todos igualmente. Isso acontece por darmos mais atenção aos efeitos do que às causas (o descarte do lixo, por exemplo, em vez do consumo); além de não mostrarmos que a maior degradação na verdade é realizada pelas grandes corporações e pelos governos. Vejamos uma resposta sobre o desmatamento:

Para mim ela causa um desmatamento e destruição no meio ambiente (A3)

Apontar o desmatamento como o maior problema ambiental é novamente focar nos efeitos e não nas causas do problema, afinal, qual seriam os motivos para se desmatar tanto? O desmatamento na Amazônia brasileira, por exemplo, tem como principal causa direta a conversão de florestas em áreas para pecuária, a agricultura de larga escala, a agricultura de corte e a queima (associada à exploração madeireira). Gonçalves (2013, p. 250) aponta, nesse sentido, a relação econômica embutida no modelo agrário/agrícola atual, ao falar que “essas regiões dominadas pelo agronegócio pouco empregadoras de mão de obra, [...] com grande concentração de propriedade de terra (latifúndio), [...] se constitui numa forte razão para que o chamado custo país se

⁵ É importante lembrar que as escritas dos alunos não foram alteradas.

mantenha alto.” Durante todo o questionário os assuntos relacionados no gráfico 1 se repetiram, destacamos, porém, um comentário que chamou nossa atenção:

“Falta de respeito à natureza, falta de educação, emissão de gases poluentes na atmosfera, descarte de dejetos tóxicos em nossos mananciais e a especulação imobiliária” (A6)

A especulação imobiliária é levantada como um dos fatores que causa a degradação ambiental. Essa resposta aponta a organização econômica da sociedade como uma possível causa das ocupações ilegais e, em seguida, da situação de degradação socioambiental nas regiões periféricas aos grandes centros urbanos. Começaremos a análise dos desenhos com o desenho do aluno A8.⁶



Figura 1: Desenho do aluno A8

Podemos ver neste desenho a intenção que o aluno teve de mostrar o quanto é importante jogar o lixo na lixeira. É a atitude “correta” que torna o ambiente harmonioso, como uma propaganda que vende um estilo de vida. Isso caracteriza uma educação ambiental midiática, interessada acima de tudo na venda de produtos. Santos (2011), ao analisar algumas propagandas, chega à conclusão que “[...]fundamentalmente, a publicidade vem construindo um perfil de consumidor verde, ou seja, as propagandas têm educado ambientalmente o cidadão para que se tornem consumidores verdes” (SANTOS, 2011, p.127), Essa Educação Ambiental baseia suas práticas na reciclagem, consumo consciente, bancos de árvores etc.

Com isso temos uma possível explicação do porquê de tantas respostas no questionário levarem em consideração a questão do lixo. Provavelmente a pedagogia das propagandas torne a questão do lixo extremamente importante para a sociedade, conseqüentemente para o grupo. Alguns desenhos excluíram completamente o ser humano, vejamos o exemplo de A2:

⁶ É importante lembrar que toda interpretação dos desenhos foi “livre”, ou seja, não foi utilizado nenhum material de apoio metodológico especial para essa interpretação, além, é claro, do referencial de EA-crítica. E foi com rigor, houve co-participação e debates, entre o professor-pesquisador e os alunos.



Figura 2: Desenho do aluno A2

Esse desenho omite o ser humano da natureza. Essa percepção traduz o que Guimarães (2012, p.26), chama de paradigma da disjunção, uma separação entre o homem e a natureza. Bomfim (2011) mostra que, inclusive, algumas legislações são criadas baseadas nessa visão de mundo, como exemplo o autor cita as Unidades de Conservação, que ao mesmo tempo em que cria espaços de preservação, legitima outras áreas para a poluição. Carvalho (2012) chama essa visão de “naturalizada” e explica que essa perspectiva tende a ver a natureza como o mundo da ordem biológica, essencialmente boa e pacífica. Logo, separar o que é da natureza e o que é da sociedade, nos proporcionaria um mundo harmônico. Para terminar a análise do primeiro grupo é importante comentar o quanto o questionário foi cansativo para o grupo de trabalho, tanto no primeiro quanto no quinto momento. No primeiro momento os alunos reclamaram apenas oralmente, já na segunda passagem houve muitas questões sem comentário nenhum ou com respostas reduzidas como “sim”.

O SEGUNDO GRUPO

O segundo grupo não respondeu ao questionário. Apenas confeccionou desenhos no começo e no fim da atividade. Começaremos a análise observando os desenhos de B1. Em seguida, apontaremos algumas marcas gerais do que foi preponderante neste grupo.

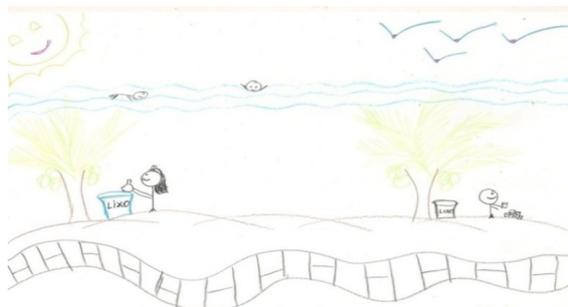


Figura 3: Desenho do aluno B1

Esse foi o desenho prévio⁷ de B1, feito antes de qualquer explicação. Podemos ver nele, como vimos nos desenhos do grupo anterior, a preocupação em jogar o lixo no lugar correto e, assim, possibilitar uma vida agradável, em paz e feliz. Como já tecemos críticas sobre isso, é interessante comentar a passagem desse desenho para o seguinte da mesma pessoa.



Figura 4: Segundo desenho do aluno B1

No primeiro desenho foi representado um ambiente claro, harmonioso e colorido, diferente da realidade do segundo, onde há um caos pessimista retratado. No balão do motorista está escrito “não estou enxergando nada com essa fumaça”. A crítica, portanto, sai do lixo e ganha um aspecto mais profundo, passa a questionar as indústrias, o transporte, como o ser humano vive, etc. Vejamos agora os desenhos de B3.



Figura 5: Desenho do

aluno B3

Neste desenho retratou-se a separação do lixo. Falamos anteriormente sobre essa questão, portanto, vejamos o segundo desenho da mesma pessoa.

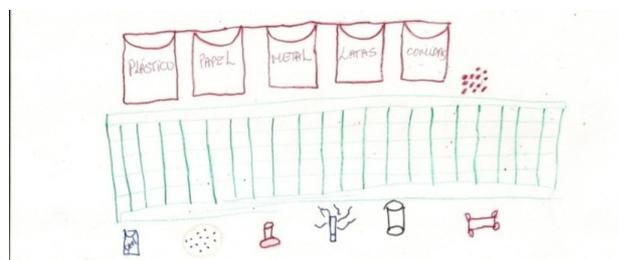


Figura 5: Segundo desenho do aluno B3

Comparando os dois desenhos vemos que ambos se limitaram a críticas comportamentais das pessoas, o que também já foi exemplificado como característica de

⁷ Reiteramos que no segundo grupo não houve passagem de questionário, então houve um desenho “prévio”, ou seja, antes da intervenção e outro depois.

uma educação ambiental conservadora. Ou seja, o segundo desenho mudou o tema da crítica, mas manteve o viés conservador. Para terminar as análises vamos olhar as diferenças dos desenhos do aluno B5.

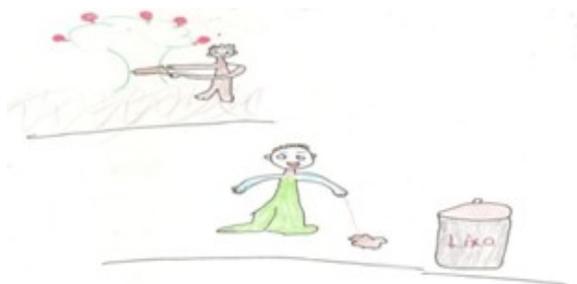


Figura 6: Desenho do aluno B5

Dois problemas ambientais são relatados neste desenho, a saber, o desmatamento e o lançamento de lixo na rua. Ambos já foram falados anteriormente. Portanto vamos ao segundo desenho.

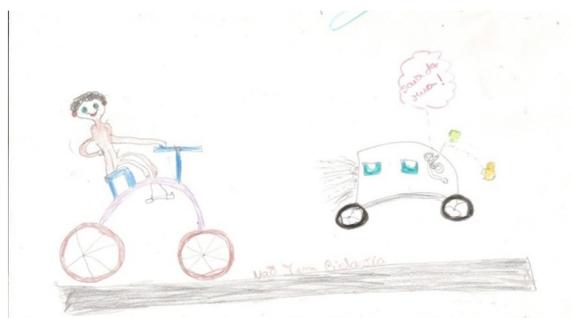


Figura 6: Segundo desenho do aluno B5

A mudança de percepção de um desenho para o outro é notória, no primeiro a compreensão de degradação tem como causa o desmatamento e o lixo; já no segundo há uma relação de crítica às escassas alternativas de transportes menos poluidores e sua inviabilidade nas circunstâncias atuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho assumimos como pressuposto que o caráter lúdico das charges poderia proporcionar uma intervenção atraente, que estimulasse mais o interesse dos participantes. Notamos que o debate em torno dos desenhos confeccionados foi profícuo e o interesse pelo tema aumentou, atingindo um dos objetivos de pesquisa e do próprio trabalho pedagógico. Em ambos os grupos ficou claro haver uma educação ambiental conservadora, possivelmente propagada pelos meios de comunicação ao qual eles têm acesso, já que a preocupação com a reciclagem e reutilização do lixo (final do processo de poluição) supera a problematização da produção e do consumo (início do processo de poluição). Com a análise, em ambos os grupos, encontramos um debate ainda

incipiente, previsto por Bomfim (2011), como uma ação ainda limitada (conciliatória) muito provavelmente devido à ênfase no comportamento individual e na responsabilização de todos por igual, como se todos poluíssem equivalentemente. Podemos inferir com isso que durante a intervenção houve uma reflexão e um aprofundamento das questões, e que chegamos bem perto da proposta de pesquisa participante. Não obstante, uma EA-crítica possui essa característica, a do movimento, não há um lugar seguro para aportar... *Eppur si muove!* (Galileu Galilei em 1633).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOMFIM, Alexandre Maia. Trabalho, meio ambiente e educação: apontamentos à educação ambiental a partir da filosofia da práxis. **Revista Labor**. V.1, p. 3-19, 2011. ISSN: 19835000.

BOMFIM, Alexandre Maia. “O senhor não sabe não...? Isso é devido ao aquecimento global”: a educação ambiental midiática a contrapelo. 2015. Trabalho apresentado no GT 22 *Anais da 37ª Reunião Científica da ANPEd*, Florianópolis, Outubro de 2015. ISSN: 2447-2808. Disponível em: <<http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT22-4467.pdf>>. Acesso em: 15/01/2018.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 6. ed. São Paulo, SP: Cortez Editora, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. Ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2011.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. 5. Ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2013.

GUIMARÃES, Mauro. **A formação de educadores ambientais**. 8. Ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. O discurso da sustentabilidade e suas implicações para a educação. **Ambiente e Sociedade**, Campinas, v. 6, n. 2, jul.-dez. 2003.

MENDONÇA, Patrícia Ramos; TRAJBER, Rachel. (Orgs.). **O que fazem as escolas que dizem que fazem Educação Ambiental?** 1.ed. Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, (Secad) e Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). v.23. 252p. 2006. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001545/154576por.pdf>> Acessado em: 10 de jan. de 2018.

SANTOS, Denize Azevedo dos. Propaganda, Consumo e Sustentabilidade: Uma análise narrativa da publicidade como aporte à educação ambiental crítica. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências), Instituto Federal do Rio de Janeiro, RJ. 2011.